

PMS	CFM	GERM
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	03/08/94	
Caderno	1º	Folha 3
Seção		
Assunto	Habitação	

Prédio inacabado abriga uma comunidade de 400 invasores

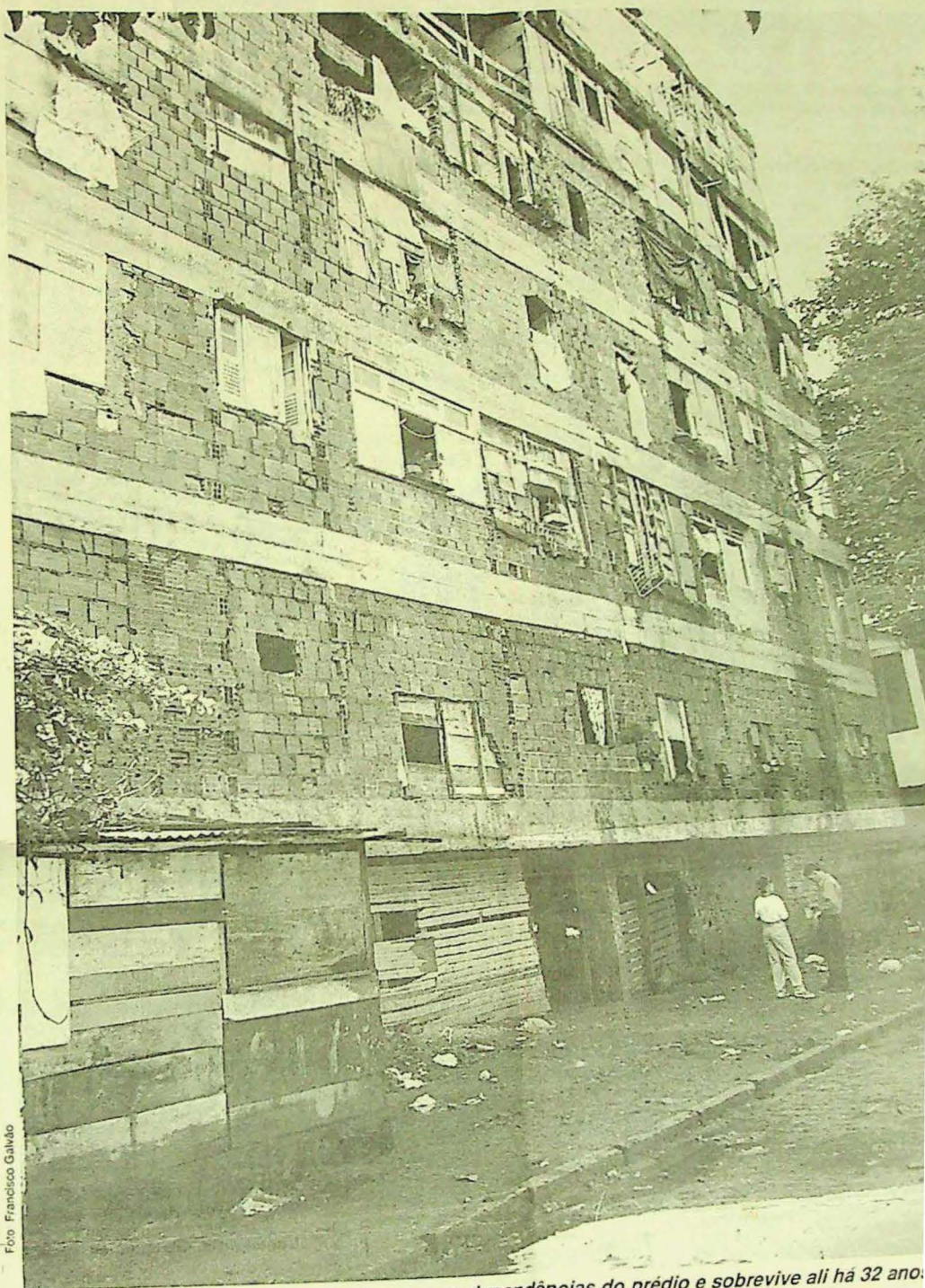
O Rio Vermelho é um bairro residencial de classe média e ainda hoje mantém diversas casas ao lado de prédios existentes. Em meio a essa arquitetura sobrevive há 32 anos, na Rua Feira de Santana, no Parque Cruz Aguiar, o inacabado Edifício Hercília Moreira, de seis pavimentos, ocupado por aproximadamente 400 pessoas. Confrontados nesses anos todos com as péssimas condições de vida, de higiene, insegurança e a incerteza no futuro, os moradores esperam uma definição sobre a posse definitiva do imóvel.

O maior representante desse sentimento é o idoso Maximiliano dos Santos, 59 anos, que chegou ao local em 1963 e desde então enfrentou ameaças de expulsão e até a retirada para posterior retorno. Ele relata que o prédio estava sendo construído nos anos 60 quando a morte do proprietário desencadeou a interrupção das obras. A partir daí iniciaram-se as ocupações do imóvel, a retirada dos moradores e a degradação do local com o passar dos anos.

Aqueles que desconhecem o interior do parque não conseguem imaginar a existência do edifício que para a época seria um dos maiores. A imagem é feia, o lixo acumulado na frente e no interior do edifício, o esgoto que corre no térreo, a falta de pintura, tábuas tapando as janelas semi-acabadas e a falta de cobertura no último andar. Não bastassem esses problemas, os inquilinos convivem com a falta de dinheiro e o desemprego.

Adelice dos Santos, 40, residente no local há 14, é uma das tantas pessoas que deixaram o interior do estado em busca de uma vida melhor na capital. O máximo que conseguiu foi fugir do aluguel e instalar-se no Hercília Moreira, mantendo a apreensão de não ter a posse legal, ao menos no papel, do apartamento onde mora com o marido e o filho.

Não há dúvidas de que o aspecto do prédio assusta a quem passa no local e aos vizinhos, temerários com a condição de pobreza, que para muitos é sinônimo de desonestidade. Os moradores, um tanto defensivos ao falar de suas condições, afirmam que o local abriga pessoas de todos os tipos, sejam trabalhadores, desempregados e aquelas por eles apontadas como "ruins".



Uma verdadeira "favela vertical" ocupa as dependências do prédio e sobrevive ali há 32 anos.

Foto: Francisco Galvão